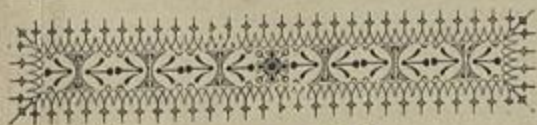


OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega	20.º Anno — XX Volume — N.º 649	Redacção — Atelier de gravura — Administração <i>Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4</i>
Portugal (franco de porte, m. forte)	3,600	1,800	6950	5120	10 DE JANEIRO DE 1897	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4,600	2,300	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5,600	2,800	—	—		



BOAS FESTAS

A' Ex.^{ma} Sr.^a Condessa da Ponte

Minha Senhora

Quero ser auxiliado por Deus em meu desejo de boas festas; e é por isso que a V. Ex.^a me di-

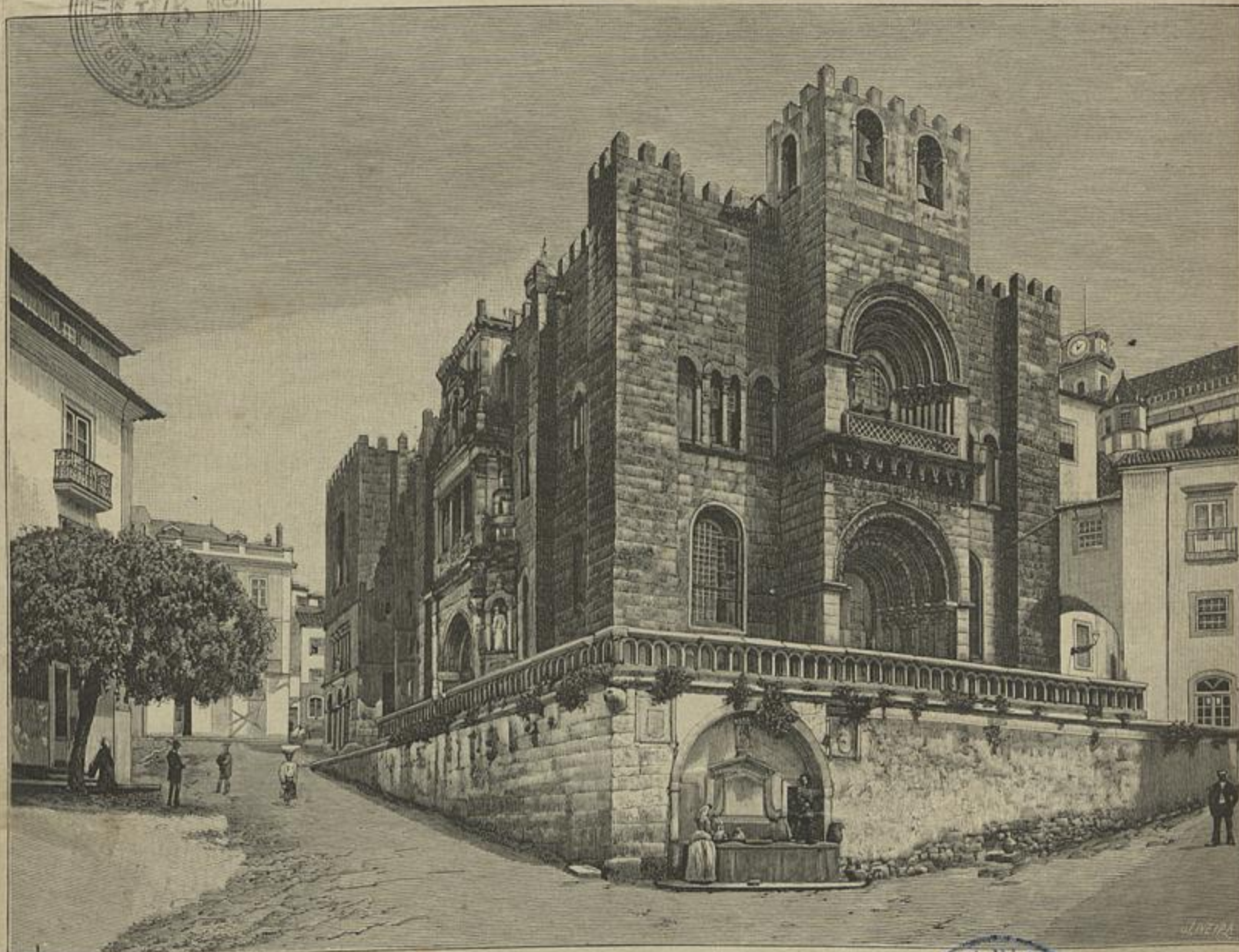
rijo, por saber como deverá o aneio do meu coração ser comprehendido por uma alma, que a mão de Deus temperou para todas as alegrias, para todas as dôres.

Na ferida aberta pela morte cruel de filhos tão caros o céu piedoso verteu o balsamo divino d'uma suprema consolação. As rugas profundas, que a dôr lhe gravou barbaramente na testa, puderam ser desfeitas com beijos; as pregas mudas, que fazem descahir as boccas habituadas ao choro, puderam alisar-se em sorrisos; o fogo do olhar apagado com tantas lagrimas reviveu, quando os

olhos viram uma nova aurora, que n'ellas se espelhou.

Morreram-lhe os filhos, minha Sr.^a; mas Deus que experimentara a tempera da sua alma e a vira sempre forte em sua paciencia, heroica em sua resignação, recompensou-a com o maior premio que Elle no mundo outhorga, e fez-lhe fortes, fez-lhe heroes os filhos de suas filhas.

O luto negro transformou-se em luz santissima. Fugiu-lhe o primeiro filho ao despontar da mocidade sua. Pouco mais de vinte annos tinha o Alexandre, tão querido de todos, tão alegre, de



COIMBRA — A SÉ VELHA

(Cópia de uma photographia do sr. Claro Outeiro)



ão resplandecente bondade. Onde chegava parecia que entrava o sol. Tão curta foi a sua vida na terra e tão profundamente deixou gravada sua memoria no coração de todos! Como não ficaria esphacelado o seu, minha Sr.^a em que novo punhal de mais aguçada ponta, de mais afiado gume, havia um dia de cravar-se!

O filho mais velho, o Manuel, o que primeiro lhe deu as santas commoções d'uma ventura que só as mães sabem sentir e que palavras não ha que descrevam, foi por Deus chamado a unir-se ao irmão, parecendo que o céu fechára os olhos á desgraça d'aquella que em sua desgraça tantas vezes o invocára.

Como na dôr parece longa, interminavel, a estrada da vida! Paisagem arida de charneca, sem um fio d'agua, e em que mal em cardos viceja uma flôr! Parece que toda a natureza quer lamentar conosco em plangente *miserere* o sonho nosso desfeito. Os dias correm lentos e taciturnos; cada recordação é um espinho. Vemos sombras escondendo-se na mortalha das nuvens e uma nuvem em nosso espirito amortalha-o. É como lençol humido e frio em que desejaríamos apagar o pensamento.

Oremos pelos mortos, oremos aos mortos.

Então a flôr da saudade ha de em nós desabrochar, pouco a pouco, mansinha, como um refrigerio. Pelas tardes hão de vir as abelhas d'ouro sugar-lhe o mel e depois voar para os esplendores do poente. A saudade é que dá a envergadura ás azas com que se vóa para os campos altíssimos d'onde os mortos nos chamam. N'um sonho podemos n'elles pairar como as cotovias no ar sereno da manhã. Já nos é possível então encontrarmo-nos com as sombras amadas, admirar-lhes no olhar a luz d'uma aurora, respirarmos junto d'ellas na atmospha beatissima, extasiar-mo-nos ante as suas vestes de luz tão clara como a da Estrella da Tarde. E, quando cada flôr na terra é como um thuribulo e o sol como enorme custodia, podemos então subir nas volutas dos perfumes serenamente.

Resemos aos mortos, e, ao accender das primeiras estrellas, Deus ha de enviar a sua paz á terra, ha de, pelas orações dos mortos, abrir sobre os vivos a fonte das misericordias.

Boas festas a V. Ex.^a, minha Sr.^a a quem Deus tanto fez soffrer, quando para junto de Si quiz chamar quem lhe soubesse orar pelos seus.

Deus é justo. Deus compensou a nos seus netos. Falei de Deus e da familia. Vou agora falar da patria tão honrada pelos nomes de Ayres de Ornellas e Manuel Ferrão.

A gloria d'elles na terra parece que é um bocadinho da gloria d'outros no céu.

Abençoada seja, minha Sr.^a, como abençoado o sangue d'esse homem, que por mais de uma vez ao lado de valentes soube fazer valer-se, e o sangue d'essa criança que em terras portuguezas de Africa juntou mais uma flôr á corôa gloriosa de Portugal.

São os filhos de suas filhas que assim procuram gravar seu nome eternamente nas tabuas de oiro da historia das nossas glorias.

Quando elles voltarem, com que ancia, com que paixão, com que ternura, em que delicioso momento de sua vida, gloriosa velhinha, não ha de beijar, como se elles ainda fossem duas criancinhas—que netos são sempre crianças—aquellas cabeças aureoladas.

Tiveram quem se fosse por elles.

Diga-me se nao ouviu alguma sombra querida, em vestes como as dos anjos, dizer-lhe alguma vez baixinho:—Deus te salve, cheia de graça!

João da Camara.



CHRONICA OCCIDENTAL

Mais um anno rolou para o abysmo escuro do passado, a muitos deixando saudades, para outros cheio de memorias negras. Rolou, passou, sumiu-se na escuridão.

Alvoreceu o anno novo, que todos querem chamar o anno bom. Assim seja; assim foi para muitos.

Foi dia de tal festa para tantos desprotegidos da fortuna, que, se quem soube dal-a assim a tantos pudesse ver recahir sobre sua cabeça metade das alegrias que os pobresinhos lhe deveram, seria o mais feliz dos homens, tão feliz quanto o merece pelas suas superiores faculdades intellectuaes, pelas suas finissimas qualidades de coração.



Pela uma hora da tarde do dia de Anno Bom, foi distribuido á porta dos Armazens Grandella, festejando o anniversario da inauguração d'esse importante estabelecimento, um bôdo a mil pobres, que, em troca da senha que apresentavam, recebiam um kilo de atum da Ilha da Madeira, meio kilo de batatas, um pão e um vintem para azeite.

Era já uma alegria para elles poderem, n'essa tarde em que na mesa mais parca ha sempre o que quer que seja de um pouco mais festivo, sentir-se alliviados de cuidados, dar a Deus graças. Mas outra maior os esperava ali mesmo, fructo d'uma carinhosa idéa, nascida n'um coração. Os paes sentem duplicadas as alegrias dos filhos.

Depois de terminadô o bôdo, começaram a sentir-se na porta lateral do estabelecimento, que dá para a Travessa da Assumpção, pancadas impacientes. Eram mais de mil creanças esperando os brindes que á sorte lhes haviam de ser distribuidos. Era vel-as entregando as senhas, desembrulhando os bocadinhos de papel, indo procurar o premio que lhes competia. A alegria com que sahiam tocando nas cornetas, puxando os carros de folha, admirando os cavallos de papelão, cada um d'elles com a sua bandeira portugueza onde se achava impresso: VIVA A PATRIA! VIVA MOUSINHO D'ALBUQUERQUE! Que quantidade de sol n'aquellas almas!

Uma commissão de crianças encarregou-se de obter os donativos, os quaes passaram de dois mil, que, agrupados depois pela actividade intelligente dos empregados do armazem em mil e trezentos lotes, quasi todos foram entregues, sendo os restantes enviados á redacção do *Diario de Noticias*, que tanto pugnou pelo bom exito d'esta excellente obra de caridade.

Foi quasi milagrosamente acolhida pelo publico a idéa de Francisco Grandella, que tão sobrecarregado pelos trabalhos de administração d'uma das maiores casas commerciaes de Lisboa, ainda encontra tempo sufficiente para carinhosamente pensar em melhorar a sorte dos desprotegidos, como por mais de uma vez tão intelligentemente tem sabido demonstrar.

Natureza privilegiada, em poucos se encontrará tão notavel equilibrio entre as faculdades do espirito e as do coração.

Gaiam sobre elle em benções todas as alegrias que tem dado.

A festa foi linda, a alegria dos pequeninos comunicava-se a quantos os viam! Nunca mais ha de amanhecer o anno novo sem que essa festa se repita. Se é festa para todos! Se tamalha é a de quem dá como a de quem recebe!

E foi assim que para muitos o anno novo foi o Anno Bom.

É no inverno que mais soffrem os miseraveis, justamente quando para os ricos melhor vae correndo o tempo dos prazeres. Minorar-lhes a má sorte é um dever de caridade, é um dever social apagar-lhes nos olhos famintos um brilho de rancor.

Lisboa diverte-se. Todos os theatros se acham funcionando. Para a sociedade elegante abriu finalmente as portas o theatro de S. Carlos, onde muito brevemente fará a sua estreia este anno o tenor Marconi.

No theatro da Avenida realisou-se no dia dois uma representação que ha muito vinha despertando a curiosidade.

Uma commissão de socios do *Club Musical de Amadores* conseguiu com exito brilhantissimo pôr em scena a opera-comica em tres actos *O Burro do Sr. Alcaide*.

Quer o poema, quer a musica, tiveram por parte dos interpretes uma execução de primeira ordem, muitas vezes parecendo que estavamos na presença de artistas consumados.

As srs.^{as} D. Palmyra Joyce e Erginia Gaspar encarregaram-se dos papeis de *Affonsa* e *Gina*, e por tal fórma os executaram que mereceram continuamente os mais espontaneos applausos.

Logo nas coplas de entrada — *Sou criada da botica* — teve a sr.^a D. Palmyra uma justissima ovação. Possui esta senhora um das vozes mais bonitas que temos ouvido cantando musica portugueza. Vibrante, extensa, educada, nada lhe falta para sua interpretação de melhor entre as melhores.

No difficil papel de *Gina*, n'aquelle mesmo theatro creado no jardim do Carmo, houve-se admiravelmente e igualmente merecedora dos maiores elogios, a sr.^a D. Erginia Gaspar, que pela fórma graciosa e por que o desempenhou, quer pela maneira poética deu conta de toda a parte musical, por vezes difficil, como, por exemplo, no duetto das gargalhadas do 2.^o acto. As coplas de entrada no 3.^o mereceram-lhe uma ovação justissima e foram bisadas.

A sr.^a D. Hedwiges Barros inexcelsível de graça no papel de *D. Mança*. Foi uma excelente caracteristica e muito concorreu para o exito que teve o desempenho da operetta na parte representada. Bem caracterizada, não exagerando o papel além dos limites que a arte impõe ás proprias fôrças, foi notavel o seu desempenho nas duas scenas principaes, no 2.^o acto com o *Alcaide* e no 3.^o com o *Maduro* e *Faisca*.

A sr.^a D. Guilhermina Santiago, a mais linda festeira que fantasiada pode ser por uma interpretação de poeta ou de pintor, typo encantado de graça e formosura verdadeiramente portugueza, cantou as coplas do 2.^o acto, acompanhada pelo sr. Carlos Costa e pelo côro, com superior canto, tão bem ensaiados todos, que conseguiram formar um quadro delicioso e deram o maior realce á musica inspirada de Cyriaco de Odeiro.

Ainda com referencia á parte musical não de deixar-se de mencionar a maneira distincta que o sr. J. Raul Plantier cantou as coplas do *Meirinho* no 1.^o acto e sobretudo o *Peço perdão* no 3.^o O sr. Plantier é innegavelmente um actor distinctissimo.

Ao sr. Francisco Xavier Roque, ensaiador das vozes, deve-se em grande parte o exito obtido, bem como ao sr. Herculano Gaspar, que tão distinctamente regou a orchestra.

Em difficillimos papeis, taes como os de *Maduro*, *Alcaide*, *Zacharias*, *D. Pacomio* e *Golphinho* houveram-se com muita distincção os srs. Samuel da Silva, Verissimo Borges, Henrique Sant'Anna, Antonio Neves e Plinio da Silva.

Os papeis de *André* e *Fidelino*, não foram d'esta vez desempenhados em *travesti*. Encarregou-se do primeiro d'elles o sr. Annibal Fragozo, que possui uma boa voz e cantou com verdadeira intuição musical, e do segundo o sr. José Barbosa Junior, que em todo elle se houve com a maior correcção.

Muito boa a *mise-en-scène* do sr. Gaspar Moreira.

Seria impossivel especialisar aqui por miude todas as qualidades artisticas reveladas pelos socios do «Club Musical de Amadores». Bastará por isso dizer-se que a impressão por todos recebida foi das melhores, que nem por um momento a representação esfriou, que o entusiasmo foi constante.

A mim, o mais humilde dos auctores da peça, cumpre-me agradecer a delicadeza com que por todos fui tratado. Em meio de tantas alegrias eu tinha uma tristeza no coração, o saudades. Mas até por essas saudades.

João

A SE' VELH'

Não era sem uma grande c... do respeito que n'outros tempos... na v... randa cathedral. A' longa tradiç... formada de ar... dos mais dramaticos episodios da nossa historia juntavam-se no meu espirito as impressões da variedade de elementos e trechos das fórmas

architectonicas, sobrepostas e por vezes já tecidas no fundo vago d'uma arte grosseira, mas característica. E por tal forma os seculos tinham fundido estas diversas e differentes expressões, que a sua existencia se aceitava sem reacção. Faziam lembrar esses casaes de velinhos, que embora de genios e temperamentos differentes, tantos annos viveram juntos a contradizerem-se e amar-se, que quasi não podem passar um dia sem se verem, sem se encontrarem, sem se beijarem, trazendo ordinariamente o desapparecimento de um d'elles a tristeza mortal para o outro.

Rebello da Silva tinha encontrado a formula da alliança do seculo XII com o XVI quando escreveu:

«Estão ali duas escolas distinctas. Uma severa como a fé dos soldados de Ourique; outra caprichosa e florida como a esperança e desejo dos navegadores, que além dos mares procuraram os reinos da aurora. Atraz dos laços do seculo XVI estão as feições austeras das mais rudes.»

Hoje entro ali com tristeza. A velha Sé perdeu o caracter com o qual conhecia desde os annos de rapaz, e por isso a se me não desfez a duvida se, por conseguinte, adquirirá a da sua primitiva. Os melhores intentos, e até com bastante sucesso, com bastante audacia, sobretudo, encetou-se uma reconstituição do estylo romano. Destruindo, derrubando, afieçoando aqui, renovando acolá, partiu-se em busca das pedras que Affonso Henriques mandara talhar, quando, ajudado pelo bispo fizera construir a igreja; mas o tempo tinha já posto em tantas a sua mão destruidora, que por vezes os actuaes artífices ficaram paralyzados sem saber que rumo seguir, arrependidos da destruição que os tinha levado a nada, e obrigados a fazer, em vez d'uma evocação do passado, um *pastiche* dandando e authenticando uma profanação do presente.

Alexandre Herculano, n'um dos seus formosissimos contos, em que o passado apparece cheio de vida, em quadros de luz intensa e colorido vigoroso; n'um d'esses contos intitulado o *Chronista*, faz com que o licenciado Christovam Rodrigues Acenheiro, figurando que o lia n'um velho chronicon prophetisasse, nas seguintes palavras repassadas de saudosa poesia, o que o grande historiador diria se hoje subisse as ingremes escadas do *Quebra-Costas* e, parando a meio do recosto do monte, fitasse a velha cathedral:

«Houve um tempo em que a Sé de Coimbra era formosa; houve um tempo em que essas pedras, ora tismadas pelos annos, eram ainda pallidas como as margens areentas do Mondego. Então o luar batendo nos lanços dos seus muros dava um reflexo de luz suavissima, mais rica de saudade que os proprios raios d'aquelle planeta gerador dos segredos de tantas almas, que só n'elle creem que existe uma intelligencia que os percebe.

«Então aquellas ameias e torres não haviam sido tocadas das mãos dos homens, desde que os seus edificadores as tinham collocado sobre as alturas; e todavia já então ninguem sabia se esses edificadores eram da nobre raça goda se da dos conquistadores arabes...»

Deixando as lamentações que accusam uma reprovação do que se fez no seculo XVI, vejamos como os documentos destroem a opinião dos chronistas, que era a da tradição, e vejamos mais como a fundação da antiga cathedral não ultrapassa a da monarchia, e é coeva do seu primeiro fundador.

Se os seculos XVI e XVII alargando estreitos frestões lhe rasgaram vulgares janellas, se emmolduraram os vãos das suas portas lateraes em porticos finamente desenhados com reminiscencias classicas, um d'elles sobrepondo-se em andares e ornado de medalhões caracteristicos, as linhas geraes do templo, as paredes macissas e nuas, reaes do templo, os dentes dos seus merlões, o seu portal fundo, de columnellos e arcos e arcos e arcos; as avancadas arcaturas que acim sustentam um friso de toska moldura, que faz como que o reborço do pavimento sustentam as columnas d'uma enorme torção dos corpos recolhidos, tudo primitivos architectos eram est-

tos. A velha escola mystico guerreira do seculo XVI construiu as igrejas fortificadas, onde se adorava a Deus no interior, preparando o exterior para o defender á mão armada. N'ellas, tambem, tanto pontificava o bispo, como guerreava o suzerano, e esquecendo se por vezes

da sua qualidade de diocezano, amarrava á haste da cruz o seu pendão de guerra, chamando das sineiras não o povo á oração, mas seus vassallos a servil o. E assim é. Todos os signaes ainda existentes de caracter e estylo a estão proclamando como o que é de uso chamar-se *romão-bysantino*, e os documentos affirmam que a sua construção se começou no reinado de D. Affonso Henriques, auxiliando a com grandes dadas, no anno de 1177, o bispo D. Miguel.

Esta e outras datas são indicadas pelo *Livro negro*, de Coimbra, que assim se chama pela cor da encadernação, e que se encontra hoje no Real Archivo da Torre do Tombo, como uma das principaes das suas muitas preciosidades. Este livro que é uma especie de caderno de notas sem preocupação litteraria, mas de enorme valor historico, conta, n'um latim barbaro, a historia da fundação da Sé de Coimbra, historia que passo a transcrever, aproveitando a tradução que d'esse documento fez o dr. Augusto Filippe Simões:

«O bispo D. Miguel deu para a obra da Sé 500 morabitinos, além de uma formosa junta de bois avaliados em 12 morabitinos. Para se augmentar o retabulo de prata do altar, sete marcos e meio de prata no valor de 68 morabitinos. Para duas galhetas (*cantarinos*) com que se lançasse o vinho e a agua no calix, 9 morabitinos. Deu mais para este ou outro fim um marco de prata com seu lavor. Para outro retabulo ou frontal dourado que fez mestre Ptolomeu, 150 morabitinos por anno. Para outro retabulo dourado, com a pintura da historia da Annunciação de Santa Maria, 10 morabitinos. Ao mestre Bernardo, que foi quem dirigiu a obra da igreja por dez annos, 124 morabitinos, além dos alimentos que lhe dava a sua meza episcopal e de um vestido em cada anno no valor de 3 morabitinos. Ao mestre Roberto, que veio de Lisboa por quatro vezes para aperfeioar a obra e o portal da igreja, deu por cada vez 7 morabitinos e outros 10 morabitinos para a despeza feita por cada vez em pão, vinho e carne para os seus quatro moços e rações para os seus quatro jumentos. Deu mais para a obra da Sé, por mão de Martinho Senior 1:500 morabitinos das rendas episcopales, e um junta de bois avaliados em 12 morabitinos.

«A mestre Sueiro que por morte do mestre Bernardo lhe succedera, deu um vestido e um quintal de vinho e um moio de pão. Para um jarro e bacia para o serviço do altar, lavrados pelo ourives Felix, 7 morabitinos. Para uns sapatos com que em vez de sandalias, celebrassem a missa, 2 morabitinos.

«Por ordem do rei Affonso mandou fazer á custa da mitra um calix de ouro purissimo do peso de 4 marcos. Para a composição e lavor de ara e das columnas do altar de Nossa Senhora e para o pavimento das absides, construido de pedras quadradas 40 morabitinos. Deu para a cruz de ouro purissimo 700 morabitinos e mais 9 marcos e 112 onça de ouro. N'esta cruz estavam embutidas uma parte maior e outras particulas menores do sepulchro do Senhor, duas particulas da verdadeira pedra do monte Calvario, e n'uma d'ellas ao meio da cruz se via a imagem do Senhor Crucificado diligentemente esculpida, e a seus pés uma particula do precioso lenho da Santa Cruz, e de um lado a imagem da Santissima Virgem em pé, junto da cruz, e do outro lado a imagem de S. João. Na parte inferior da cruz de ouro havia outra porção da pedra do Calvario engastada em ouro, na qual longitudinal e transversalmente se via a imitação da cruz do sepulchro do Senhor, uma parte do precioso lenho, de tal modo pregada na pedra que a todos ficava bem patente. Depois que renunciou o episcopado deu para a Sé 4 purpuras do valor de 100 morabitinos e para a obra da igreja 700 morabitinos e por outra vez 500 morabitinos e uma casula de modebage vermelho, avaliada em 35 morabitinos. (1)»

Na porta principal falta o tympano de pedra lavrada, que o sr. A. F. Simões, supõe, e com razão, que deveria ter existido e parecido com o da antiga igreja de S. Christovam, demolida em 1860 para em seu lugar se edificar o theatro D. Luiz. No coroamento da sua fachada severa e imponente, com o quer que seja de austero que tão bem caracteriza a primitiva epoca em que foi deliniada e construída, fez-se, em 1839, um acrescentamento para collocação de uns sinos.

A primitiva torre ficava desviada da igreja

para a parte do sul, mas com serventia pelo clauetro e tem nove ventanas com sinos... como se lê n'uma informação manuscrita feita no começo do seculo passado, incorporada na collecção da *Historia ecclesiastica de Coimbra*, existente na Bibliotheca Nacional de Lisboa. Por esse mesmo documento se fica sabendo que o edificio tinha... ha poucos annos em cima da capella-mór um corucheu de extremada altura, vestido por fóra de azulejo branco e azul, e por dentro tinha tres sobrados com janellas em todos para os quatro ventos... Este remate foi mandado demolir pelo bispo D. Antonio de Vasconcellos e Sousa e substituido pelo mesquinho zimbório que hoje existe.

Por ordem do bispo D. Jorge d'Almeida, um prelado magnanimo, verdadeiramente ao gosto da renascença, foram construidos, em 1540, os dois porticos da fachada septentional, já em estylo *à moda romana*, sendo o maior conhecido pelo nome de *Porta Especiosa* de traco, segundo se supõe, do celebre architecto João de Castilho, o mesmo que deixou o seu nome ligado a Belem, Alcoboca, Batalha e Thomar.

Nas janellas encontram-se vestizios da primitiva construção, embora os guarnecimentos de algumas sejam evidentemente obra do seculo XVI.

Acima da porta *Especiosa*, existe outra de mais modesta architectura e d'ella escreve o citado manuscrito: «Esta porta está sempre fechada, e só se abre para por ella sahirem varias processões que o cabido faz pelo adro e claustros, como são as dos defuntos em todas as segundas feiras da quaresma e as das ladainhas nas sextas feiras da mesma quaresma, e tem o nome de porta de *Santa Clara*, ou por estar mixto a ella um altar d'esta Santa, ou por ter a sua imagem no cimo da dita porta feita de pedra.»

Uma das cousas que mais chama a attenção e desperta a curiosidade é um sarcophago grosseiro de pedra, com a tampa gateada, e collocado n'um recanto d'esta fachada. O epitaphio lavrado em letras minusculas allemãs diz:

Aqvy. jaz. hun. que. em. outro. tempo. foy. grande. barom. sabedor. e. muito. eloquente. avon. dado. e. rico. e. agora. he. pequena. cinza. en. çada. em. este. moimento. e. com. el. jaz. huum. seu. sobrinho. dos. quoes. hun. era. já. velho. e. outro. mancebo. e. o. nome. do. tio. Sesnando. e. Pedro. avia. nome. o. sobrinho.

Este Sesnando foi o primeiro governador de Coimbra, ao qual, depois de conquistada por Fernando Magno, este a confiou. Sabe-se que morreu a 25 de agosto de 1091.

E' de crer que o tumulo primitivo estivesse muito deteriorado e o que hoje se vê seja obra de D. Jorge d'Almeida.

Grandes contendas tem suscitado a interpretação d'uns caracteres arabes que se vêem, ainda hoje, gravados n'uma pedra que faz parte do apparelho da parede d'esta fachada norte. A seu respeito escreveu o antigo professor Antonio Caetano Peireiro, genio irrequieto e que no seu tempo tanto deu que fallar de si:

«Em uma especie de manifesto que tenho escripto na lingua latina para ser remettido ás principaes academias da Europa, quando houver occasião oportuna, onde além de outras interpreto algumas das inscrições em caracteres greco-barbaro-syriacos que circundam a Sé Velha de Coimbra, e em caracteres arabicos-cuficos mixtos, e por ellas provo a seguinte opinião que sigo: 1.º a edificação da Sé Velha de Coimbra data do meiado do 5.º seculo! 2.º depois no 8.º seculo sob o dominio dos arabes foi convertida não em mesquita mas em castello militar ou alcaçar, sendo seu governador Ali Habuacem como o indica a inscrição, e o confirma frei Bernardo de Brito na 2.ª parte da Monarchia Lusitana, servindo-se dos documentos que achou entre os manuscritos de Lervão; 3.º foi ultimamente transformada e augmentada por D. Affonso Henriques, de que existem na historia d'aquelle reinado as *Ephemerides* ou contas de despeza, que houve n'essa reconstrução. Só exijo o não se me applicar o bem conhecido

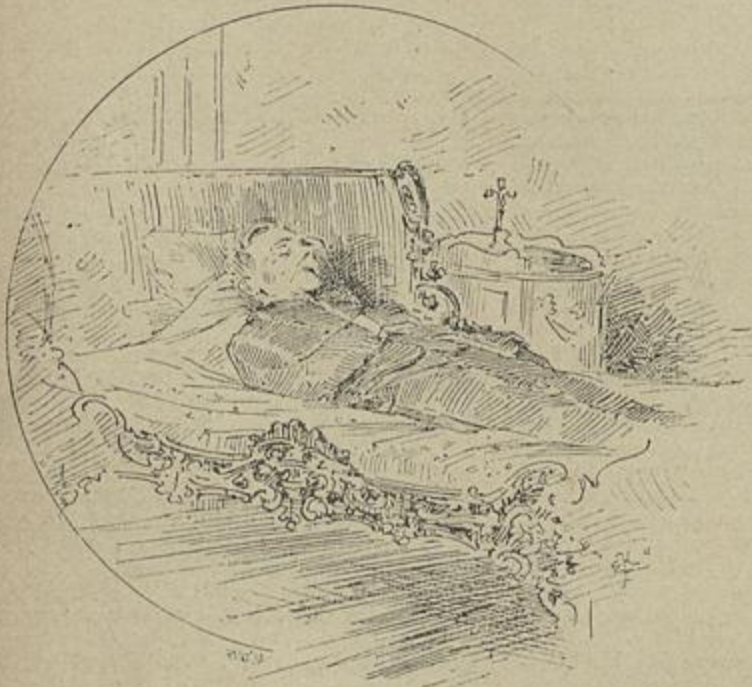
*Hos ego versiculos feci
Tulit alter honores*

A. C. PEREIRA.

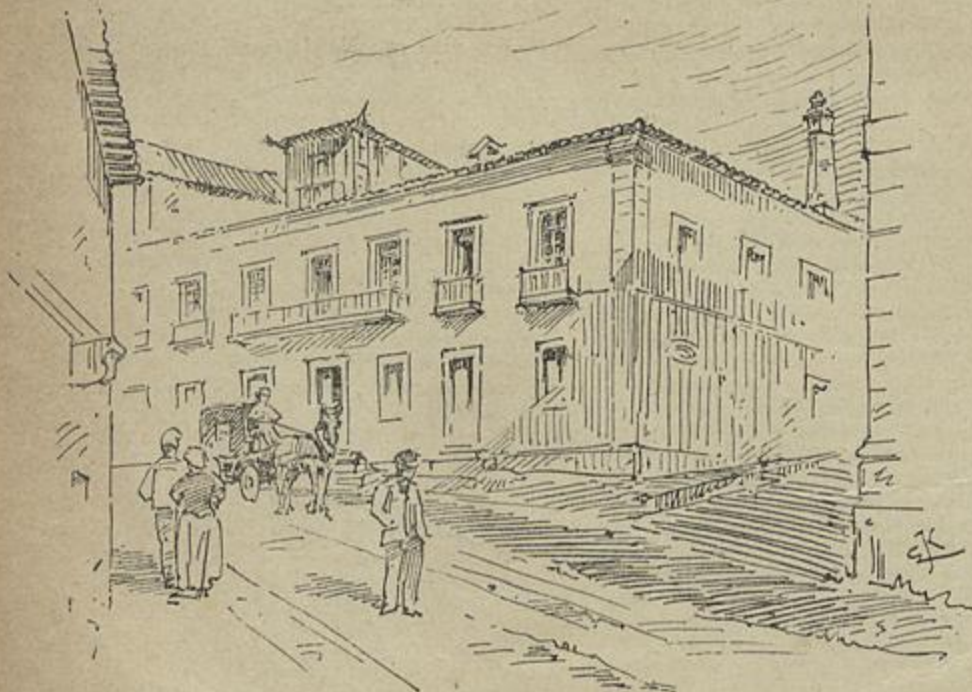
(1) Para se fazer uma idéa aproximada do valor do morabitino (moeda de ouro sem liga) convem dizer que o que n'aquella epoca se adquiria com um d'elles se compraria hoje, pela média dos cambios correntes, por 35000 réis.

Á vista de tanto apparato eruditivo parecia que o problema estava resolvido; mas submettido ao exame do arabista hespanhol, D. Pascual Guyangos, que Herculano attendia e respeitava, elle opinou que taes caracteres eram parte de uma ins-

HOMENAGEM AO POETA RODRIGUES CORDEIRO



RODRIGUES CORDEIRO NO LEITO MORTUARIO

A BIBLIOTHECA E GABINETE DE TRABALHO
DE RODRIGUES CORDEIRO

CASA, NAS CORTES ONDE FALLECEU RODRIGUES CORDEIRO



CASA, NAS CORTES, ONDE NASCEU RODRIGUES CORDEIRO

(Desenhos de E. Korredi)

cripção mutilada, que talvez pertenceu a outro edificio, e na qual ainda conseguiu lêr: «... edificou o com solidez *Abmed Ben Ismael* por mandado de...»

N'uma vista a cavalleiro da cidade de Coimbra, que se encontra na obra *Urtium precipvarem theatrum*, de Jorge Braunio (1572-1618) e na qual é muito approximada a posição dos principaes edificios da cidade, figura a Sé Velha com duas torres coroando cada um dos corpos lateraes da fachada principal; terminando o corpo central em frontão triangular, ao meio do qual se abre um grande espelho gothico. O que é mais curioso é que representando, logo abaixo, a antiga igreja de S. Christovam, da mesma epoca, e do mesmo typo da Sé Velha apresenta como esta, um tanto mais pequena!

— «Que te respondeu ella?» — lhe perguntei, ao ouvir-lhe a narrativa

— «Fechou a janella,» — disse elle em tom de applauso.

Depois de Gramido, e em Coimbra o *Trovador*, o jornal dos versos, o querido jornal da mocidade que se chamava — João de Lemos, Xavier Cordeiro, Augusto Lima, Couto Monteiro, Pereira da Cunha, José Freire de Serpa, Castro Freire.

O Festim de Balthazar — As tres damas — O tumulto de Nero — A tomada de Coimbra... os grandes devaneios das loucuras da mocidade, da esperança, dos sonhos que pretendem ser realizados.

O *Trovador* marcou uma epoca nos fastos academicos e nos da poesia d'este seculo, e não ha quem o não conheça

dos fastos da politica portugueza liberal. Joaquim Martins de Carvalho foi educado nas luctas e retemperou-se nos carceres e nos flagícios.

Que elle nos dê a interessante narrativa dos tristes acontecimentos de Coimbra n'aquella epoca, e dos perigos que lá correu o nosso illustre biographado.

Sob a epigraphie: — *Apontamentos para a historia da typographia em Coimbra* encontram-se no *Conimbricense* n.º 2167 de 1 de maio de 1868 estas curiosas noticias:

« Formidavel foi a luta entre o partido progressista e os defensores da celebre emboscada de 6 de outubro de 1846 em Lisboa.

Insurreccionou-se a nação inteira, e dirigidas as forças populares pela Junta estabelecida no Porto, a causa nacional triumpharia indubitavelmente, se a acção combinada da Hespanha, França e Inglaterra não viesse salvar o governo retro-



AS INUNDAÇÕES NA VILLA DA POVOAÇÃO — ASPECTO DAS RUINAS

(Copia de uma photographia)

E vá lá a gente fiar-se nos monumentos escriptos... e tambem nos desenhados.

Lino d'Assumpção.

ANTONIO XAVIER RODRIGUES CORDEIRO

(Continuado do n.º 647)

Cordeiro era moço, rico e poeta; brincava com os perigos da guerra. Era um improvisador, falava em verso. Ia um dia acompanhado de Bulhão Pato para a Graciosa, quando, ao passar pela Anadia, lhe appareceu uma cara tentadora. Cordeiro levantou-se nos estribos e disparou-lhe á queima-roupa:

— «Bella virgem da Anadia, namorado o trovador manda-te n'um beijo ardente o seu protesto de amor.» —

Cordeiro era um poeta; mas já não era só poeta; a guerra civil tinha-lhe inoculado o veneno da politica.

Estava de guarnição em Coimbra o batalhão de caçadores n.º 8 que voltava do Porto com os louros do protocolo, dictado por estrangeiros, e com a rainha e a carta na barriga. Nunca ninguem venceu menos e se victoriou tanto como os cartistas d'esse tempo. Os vencidos convencidos, vendo-se perseguidos e tratados como prisioneiros á discreção, crearam um jornal politico em Coimbra — *O observador*, que manteve sempre, em brexa aberta, uma defesa vigorosa. Cordeiro fazia parte da redacção. Este jornal converteu-se depois no *Conimbricense*, á frente do qual está hoje Joaquim Martins de Carvalho, o indefesso batalhador.

Uma vez que pronunciei o nome de Joaquim Martins de Carvalho seja-me permittido saudar no venerando ancião um dos soldados mais gloriosos e mais conscienciosos do jornalismo portuguez. O seu trabalho heroico, o seu jornal-archivo, é constante lição de historia, e de memorias uteis, e já hoje guia precioso na investigação

grado de Lisboa, que queria annullar os effeitos da revolução popular, que tidha havido no Minho e em todo o paiz, em abril e maio d'aquelle anno.

Terminada a guerra civil em junho de 1847, com a convenção de Gramido, recolheram a Coimbra aquelles que d'aqui tinham sahido, uns para fazer parte das forças populares, e outros levados para as masmorras da prisão do Limoeiro em Lisboa.

Havia direito a esperar que uma convenção, garantida pelas nações interventoras, seria religiosamente cumprida; e que os membros do partido popular, voltando para suas casas, seriam respeitadas. Não aconteceu, porém, assim. Ao imperio da lei, foi substituido o despotismo o mais desenfreado, do cacete e do punhal. Por toda a parte se applicava aos vencidos o *Vae victis!* de Brenno aos romanos.

Aqui em Coimbra raro era o dia em que se não presenceasse algum novo attentado. E com quanto devamos confessar, que esses actos indignos repugnavam ao governador civil, Visconde de Vallongo, e ao secretario geral José Cupertino

da Fonseca e Brito, é certo que elles eram impo- tentes para conter os malfiteiros.

O verdadeiro poder tinha passado para um club, que se reunia na Courega de Lisboa, nas casas de José Ricardo Pereira de Figueiredo, que havia sido juiz de direito de Coimbra. Ahi se decidia diariamente quaes deviam ser as victimas sacrificadas.

E isto praticava-se impunemente em um paiz que se dizia regido pela Carta Constitucional, e perante as auctoridades constituídas!

Seria immensa a relação dos ferimentos, perseguição e insultos, que por essa epocha se fizeram n'esta cidade. Nós mesmo, depois de termos soffrido as torturas dos *segredos* e *enxovias* do Limoeiro, tendo até estado na *casa forte*, destinada só aos condemnados a pena ultima, mettido na companhia dos maiores facinoras, e escapando milagrosamente de ser assassinado no dia 29 d'abril de 1847, quando depois de ter ajudado a arrombar a cadeia do Limoeiro, fomos novamente capturado, ao chegar a Coimbra, depois da convenção de Gramido, fomos espancados e feridos gravemente, no dia 14 de setembro.

O Visconde de Vallongo, cavalheiro de ideias conciliadoras, tinha accedido o cargo de governador civil de Coimbra, no ministerio de Antonio d'Azevedo Mello e Carvalho, com a condição de ser nomeado secretario geral o sr. José Cupertino da Fonseca e Brito.

Como, porém, a moderação do Visconde de Vallongo não conviesse ao club cabralista de Coimbra, adoptaram o meio indirecto de o affastar d'aqui, conseguindo que o sr. José Cupertino fosse nomeado governador civil do districto da Horta, cargo que elle aliás não accceitou, mas que veio a produzir o resultado que se pretendia, deixando de ser governador civil o Visconde de Vallongo.

Era por nós termos andado a sollicitar assignaturas para uma representação ao governo, pedindo a conservação do sr. José Cupertino no lugar de secretario geral, que corremos o risco imminente de ser assassinado, sendo ainda gravemente ferido n'uma das ruas mais publicas de Coimbra.

O estado constante de terror em que se achava a cidade, pelos caceteiros paizanos, e o regimento de infantaria 4, e em seguida pelo batalhão de caçadores 8, fez resolver os influentes do partido progressista a fundar um jornal, que defendesse os interesses populares, e tornasse publicas todas as atrocidades.

Para que o jornal podesse fallar com a devida independencia, tratou de se organizar uma typographia onde elle se imprimisse.

Mandou-se vir o typo de Lisboa. E enquanto ao prelo, foi comprado um, que tinha sido feito em 1845 pelo habil serralheiro, já hoje fallecido, o sr. Manuel Bernardes Gallinha, por encomenda do sr. Augusto Ferreira Pinto Basto, a fim de n'elle se imprimir um jornal, que se projectou publicar com o nome de *Coimbricense*, e do qual seria redactor o sr. dr. Antonio Luiz de Souza Henriques Secco. Esse jornal não tinha podido sair á luz, em consequencia dos facciosos obstaculos postos pelas auctoridades d'essa epocha, e ficara por isso o prelo sem servir.

Estabeleceu-se a imprensa no bairro alto, na rua Guedes, e ahi se publicou o primeiro numero do jornal, a que foi posto o nome de *Observador*, no dia 16 de novembro de 1847. É esse o mesmo jornal aonde ainda hoje escrevemos estes apontamentos para a *historia da typographia em Coimbra*, e a que em 24 de janeiro de 1854 foi mudado o nome, adoptando se n'essa occasião o de *Coimbricense*, que era o nome do jornal que se tinha projectado em 1845.

Quando o *Observador*, se começou a publicar em 1847, era seu editor o sr. bacharel José Maria Dias Vieira; fiador o sr. bacharel Francisco Henriques de Souza Secco; e administrador o sr. bacharel José de Moraes Pinto d'Almeida.

Foram os seus primeiros redactores os srs. dr. Justino Antonio de Freitas, dr. Agostinho de Moraes Pinto d'Almeida, dr. Antonio Luiz de Souza Henriques Secco, e dr. Francisco José Duarte Nazareth. Pouco depois entraram tambem para a redacção os srs. dr. José Maria d'Abreu, dr. Joaquim Augusto Simões de Carvalho, e o academico o sr. Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro.

A publicação do jornal dava lugar constantemente a uma verdadeira campanha. Os caceteiros vendo denunciadas sem piedade as suas malfiteorias, declararam ao *Observador* uma guerra de morte.

Cada compositor do jornal via-se obrigado a ter uma arma carregada na casa da imprensa; e o entregador, homem destemido, andava a entregar o jornal com um par de pistolas no bolso.

O sr. Manuel José Teixeira Guimarães, por vender na sua loja da rua do Cego o *Observador*, foi ali muitas vezes insultado por sargentos e soldados do 8 de caçadores; e os redactores eram repetidas vezes ameaçados. Nada, porém, fazia recuar todos os que tinham entrado n'esta patriótica empresa.

Logo no dia 18 de novembro de 1847, em que se publicou o 2.º numero do *Observador*, pelo meio da tarde, dois sargentos de caçadores 8, subiram as escadas da typographia do jornal, na rua do Guedes, e com tom arrogante, perguntaram se ali se vendia o *Observador*; e como os empregados lhes respondessem que não, desceram as escadas, proferindo as maiores ameaças.

As sete horas e meia da tarde do mesmo dia, um grupo de 7 sargentos e soldados do mesmo corpo, foram á loja do sr. Guimarães para comprar o jornal d'aquelle dia; e como lhes dissesse, que ainda se não tinha publicado, romperam em phrases descompostas contra o sr. Teixeira, chegando um dos sargentos a ameaçal-o com a bayoneta.

No dia seguinte de manhã, outro grupo de sargentos e soldados, entrando n'uma loja da rua da Calçada, rasgaram um exemplar do *Observador*, e ameaçaram o dono da loja.

Estes e outros factos se repetiam diariamente, não só contra habitantes pacificos da cidade, mas contra estudantes. O *Observador* era sempre o *Banquo*, que incommodava os desordeiros. É por isso que no dia 10 de dezembro immediato, foi ainda o sr. Teixeira Guimarães ameaçado e insultado na sua loja, por sargentos e soldados de caçadores 8, querendo obrigar-o a dar vivas a *Costa Cabral*.

Um tal estado de anarchia levou muitos cidadãos em numero de 386, a dirigir uma representação ao honrado governador civil, Lourenço José Moniz, que tinha substituído o Visconde de Vallongo; na qual depois de exporem os factos praticados por muitas praças do batalhão de caçadores 8, determinavam pela seguinte forma:

«Os abaixo assignados, dirigem se pois a V.ª Ex.ª, como auctoridade superior do districto, e a quem compete velar pela segurança d'elle, a fim de que se digne dar providencias para que o menor insulto se não dê, da parte dos sargentos e soldados do 8.º batalhão de caçadores, enquanto este corpo aqui se conservar, ou de fazer com que esta força seja substituída, no caso que taes factos se continuem.

«Coimbra 5 de dezembro de 1847.»

O governador civil Lourenço José Moniz, que era um caracter honesto e um cavalheiro illustrado, reconhecendo a razão que assistia aos queixosos, contribuiu pela sua parte que de Coimbra fosse mudado o batalhão de caçadores 8.

Com effeito, no dia 31 do mesmo mez de dezembro chegava a esta cidade, vindo do Porto, o regimento de infantaria 10, commandado pelo sr. José Maria de Magalhães, actual ministro da guerra; e no dia 3 de janeiro de 1848 sahia de Coimbra para o Porto o 8 de caçadores.

A entrada em Coimbra do regimento 10 de infantaria, veio tranquilisar os animos n'esta cidade. Haverá corpo que possa ser igualado em disciplina; mas que exceda aquelle regimento no tempo que aqui esteve não é possível. O seu digno commandante, e todos os officiaes, officiaes interiores, e soldados, rivalisavam em qual havia de ter melhor comportamento, e ser mais agradável aos habitantes da cidade. Faziam um perfeito contraste com a força que tinham vindo render.

E' por isso que, quando o regimento 10 de infantaria, no domingo 6 de fevereiro do mesmo anno de 1848, depois de ouvir missa na igreja de Santa Cruz se poz em marcha para Lisboa, um grande numero de estudantes e pessoas da terra deram ao seu commandante, officiaes, e a todas as praças d'aquelle corpo, um testemunho inequivoco da consideração, que lhes merecia o porte grave e cordato, que n'esta cidade tiveram; e indo na sua sahida acompanhá-os até ao Rocio de Santa Clara, aonde lhe fizeram duas compridas alas, por entre as quaes desfilou o regimento, recebendo as despedidas e ultimos agradecimentos da população d'uma cidade que assim sabia distinguil-os.

Por sua parte o digno commandante do regimento 10, o sr. José Maria de Magalhães, publicamente declarou, que *sahia summamente honrado do comportamento exemplar com que se houveram todos os habitantes de Coimbra, não lhe dando occasião ao menor desgosto no desempenho da commissão, que n'esta cidade lhe fôra confiada.*

(Continúa)

Thomaz Ribeiro.



AS NOSSAS GRAVURAS

AS INUNDAÇÕES DA VILLA DA POVOAÇÃO

A imprensa diaria referiu-se tão largamente ás inundações que invadiram a villa da Povoação nos principios d'este inverno, que hoje publicando uma gravura, copia de uma photographia que d'ali nos foi enviada, não nos alargaremos em descripções conhecidas de publico.

O estado deploravel em que ficou a Povoação mostra-o bem a gravura que publicamos, em que se vêem as ruinas produzidas pela inundaçáo, mais tristemente eloquentes que qualquer descripção impossivel de dar uma idéa exacta de toda a grandeza d'aquella enorme catastrophe.

O que d'ali nos communicam é verdadeiramente horroroso. A villa não é mais que um montão de ruinas. Casas entulhadas até aos primeiros andares, derruidas ou ameaçando desabar; enormes vallas abertas no meio dos entulhos das ruas e dos campos. Lamentos dos infelizes, sem abrigo e sem pão. As plantações destruidas e a fome eminente. Um horror!

Para acudir a esta desgraça tem-se empregado todos os meios que vão produzindo resultado.

O sr. João de Mello Abreu, de S Miguel tem sido um dos que mais se dedicaram em promover donativos para as victimas do temporal não só soccorrendo-as com recursos proprios, mas angariando uma subscrição avultada, que junta a outras promovidas nos Açores, além dos donativos que os srs. conde de Botelho, visconde de Palmeiro e dr. Claudio Moniz offereceram réis 100,000, cada um, sommam elevada quantia, augmentada ainda com o producto dos bandos precatorios dos bombeiros de S Miguel e de Villa Franca do Campo.

O governador civil organisou uma commissão de soccorros de que sua ex.ª é o presidente, tendo por secretarios os srs. dr. Soito Mayor e Pedro Felix Machado, e thesoureiro o sr. commandador Xavier Pinto. Faz tambem parte d'esta commissão o engenheiro sr. Marianno Machado.

O nosso collega *Gazeta de Noticias* tambem abriu uma subscrição que já se elevava, á data das ultimas noticias a 130,000 réis.

A Junta Geral do Districto sollicitou do governo um abono de 25,000,000 réis por conta das receitas, o que foi attendido, para proceder immediatamente ás reparações necessarias.

A Camara do Commercio e Industria de Lisboa enviou 250,000 réis para as victimas das inundações.

Nas Furnas estabeleceu-se, por iniciativa do sr. João de Mello Abreu, um benemerito, uma padaria para fornecer pão aos pobres.

Emfim, no meio da desgraça que assolou a Villa da Povoação, consola vêr a sollicitude com que todos á profia, procuram minorar quanto possivel os males produzidos por tão horrivel catastrophe.

UM GUITARRISTA ARAGONEZ

A provincia de Aragón como a da Galliza são das mais pittorescas da Hespanha.

Pittorescas na paisagem, risonha dos seus campos, villas e cidades; pittorescas nos seus costumes coloridos, nos seus cantares ora melancolicos, ora alegres, acompanhados ao som das guitarras, castanholas e pandeiros com uma graça e viveza que só se encontra n'aquelles povos peninsulares.

E não só os cantares fazem as delicias do estrangeiro que visita aquellas povoações, mas ainda as danças que usam, em que as mulheres, especialmente, são deveras encantadoras.

Quem ainda não se deliciou a ouvir umas *malagenas* ou *petteneras* cantadas por uma filha de Aragón, de olhos negros, abrazadores, ao som da guitarra gemebeunda de um aragonez, desconhece uma das coisas que mais falla ao coração, n'essa linguagem que seduz e encanta a alma.

O guitarrista aragonez é, como se vê, um typo differente do guitarrista portuguez, cujo verdadeiro typo é o fadista.

O aragonez não tem a vivacidade do nosso fadista, nem a mesma pretensão no trajar.

O toque da guitarra é mais monotono e dolente, mas o cantar das aragonezas dá-lhe uma originalidade que rivalisa com o canto do fado portuguez.

O NARIZ DO TABELIÃO

POR E. ABOUT

II

MONTARIA A UM GATO

Bem vindo sejas, doutor Triquet! Reclama altamente teu auxilio um brilhante tabellião de Paris. Torna a pôr teu chapéu sobre esse teu craneo despovoado, enxuga os pingos do suor que vejo luzir sobre essa face rubra, tal qual luz o orvalho sobre a peonia em flôr, e trata de arregacar, quanto antes, as lustrosas mangas á veneranda casaca preta!

O bom do homemzinho, porém, tão commovido estava, que nem pôde, desde logo, pôr mãos á obra. Falou, falou, falou, com a sua vozinha tremida, offegante. — Válha-me Deus!... disse. Salvé! meus senhores; — servo humilíssimo. Pois ha creatura temente a Deus que ponha uma alma christã n'este estado? — Houve mutilação, agora é que eu vejo! Acabou-se! Cheguei tarde: palavras de conciliação viriam já fora de tempo; o mal está consummado! Ah! senhores! senhores! isto de rapazes, é tudo a mesma gente! Mas eu tambem, por um triz que me não deixo arrastar a mutilar o meu semelhante. Foi em 1820. Querem saber o que eu fiz? Pedi desculpa. É verdade, desculpei-me, e não me envergonho de o dizer, tanto mais que a razão e o direito estavam da minha parte. Não leram então aquellas paginas tão formosas em que Rousseau vitupera contra o duelo? — Diz verdades irrefutaveis; um trecho de chrestomathia litterario-moral. E notem bem que o Rousseau ainda não disse tudo. Tivesse elle estudado o corpo humano, essa obra-prima da criação, essa imagem admiravel de Deus sobre a terra, demonstrar-vos-hia que é bem culpado todo aquelle que destroe conjuncto de tanta perfeição. Que se o digo, não é, decerto, referindo-me á pessoa que vibrou o golpe — Deus me defenda! Lá teria as suas razões, e eu cá por mim respeito-as. Mas se soubessem, o que custa a um pobre medico — coitado! a cura da ferida mais somêns! Certo é que d'isso vivemos, e dos doentes tambem; mas, adeus, quizera antes privar-me de muita coisa boa e passar a pão de rala com um naco de toucinho, do que estar a vêr soffrer, a pé quêdo, o meu semelhante.

Interrompeu-lhe o marquez a lamuria.

— Tenha mão! doutor! não estamos aqui para ouvir sentenças. Está acolá um homem a sangrar que nem um boi. Do que se tracta agora é de vedar a hemorragia.

— O senhor diz bem, accudiu o outro, com viveza; a hemorragia! E' o termo proprio. Previ tudo, felizmente. Aqui está este frasco de agua hemostatica. E' o preparado de Brocchieri, prefiro-o á receita de Léchelle.

Encaminhou-se, de frasco em punho, para messer L'Ambert, o qual se sentára ao pé de uma arvore e sangrava, melancolico.

— Prezado senhor, disse, fazendo-lhe venia, creia que sinto devéras não me ter cabido a honra de o conhecer em occasião diversa, e alheia a tão lastimavel accidente.

— Messer L'Ambert ergueu, triste, a cabeça e disse com voz compungida:

— Doutor, acha que perderei o nariz?

— Não senhor!! não perde. Valha-nos Deus! estimabilissimo senhor! — ja o perdeu

E em quanto fallava, ia deitando em cima de um parche pingos de agua de Brocchieri.

— Deus do ceu! exclamou! tive agora uma ideia! Posso restituir-lhe esse orgão tão util quanto agradável que o senhor ha pouco perdeu.

— Falle! com o demonio! e é sua a minha fortuna. Ah! doutor! antes morrer mil vezes, do que viver desfigurado!

— Todos assim dizem... Mas, vamos lá a vêr!... onde pára o fragmento que lhe cortáram? Não me jacto de ser campeão que se compare com os senhores Velpau e Huquier; mas, como previa intenção, tentarei concertar as coisas.

Ergueu-se messer L'Ambert com impeto e deitou a correr para o campo da batalha. O marquez e mr. Steinberg lá foram atraz d'elle; os turcos que andavam a passeiar juntos e assaz tristonhos (porque em Ayvaz o fogo não levára a apagar-se um segundo) aproximaram-se de seus anteriores adversarios. Não foi difficil d'encontrar o sitio em que os contendores tinham espezinhado a erva novinha; os oculos de ouro foram encontrados, mas o nariz do tabellião... bá-bau! Para maior arrelia, viram um gato — o tal horrendo gato branco e amarello, a lamber, guloso — o ensanguentado focinho.

— Deus de misericordia! bradou o marquez, e apontou para o gato.

Gesto e exclamação foram entendidos por todos.

— Será tempo ainda?

— E' possível, replicou o medico.

E deitaram a correr. O gato, porém, é que não estava em maré de consentir que o agarrassem. Correu tambem.

A matinha de Parthenay não havia ainda assistido a montaria d'aquellê lote. Um marquez, um agente de cambio, tres diplomatas e um medico d'aldeia, um lacaio com a libré dos dias duplices e um tabellião a escorrer em sangue e a aparralho no lenço investindo, como doidos, atraz d'um gato. Correram, berravam, atiravam pedras, ramos seccos e tudo quanto lhes vinha á mão; atravessando caminhos, atalhos, chapádas, de cabeça baixa, enfiavam pelas boiças e matos cerrados. Ora em monte, já dispersos, por momentos em linha recta, a um de fundo, intervallados, acossando o inimigo em circulo apertado; batendo moitas, sacudindo arbustos, trepando ás arvôres, esmoucando os sapatos nos cêpos dos troncos e rasgando o fato nas silvas, voavam como o tufão; mas o infernalissimo gato lá ia na dianteira, veloz como o proprio vento. Por duas vezes o tiveram envolvido, em apertado cerco; e por duas vezes o bicharroco forçou o cerco e ganhou terreno. Por momentos, dir-se-hia que ia cedendo á dôr ou ao cansaço. Quiz saltar d'arvore para arvore, adoptando o caminho dos esquilos, e cahiu de lado.

O creado de Messer L'Ambert correu sobre elle, á desfilada, em dois pulos, apanhou-o e deitou-lhe a mão ao rabo. Mas o tigre em ponto pequeno conquistou a liberdade, pregando-lhe uma valente unhada, e com um salto transpôz os limites da deveza.

Lá o fôrão perseguindo atravez da campina. Era extenso, extensissimo o caminho percorrido; immensa a planicie, retalhada em quadréllas, como tabolleiro de xadrez, na frente dos caçadores e da tão cubiçada preza.

O dia estava quente, soturno; nuvens grossas, negras, amontoadas no occidente; dos rostos afoagueados, escorria o suor; e nada empécia ao aranco dos oito homens.

Messer L'Ambert, escorrendo em sangue, infundia alento aos companheiros, com a voz e com o gesto. Todo aquelle que nunca viu tabellião a correr atraz do proprio nariz mal poderá formar ideia aproximada do seu ardor. Adeus morangos e framboezas! adeus groselhas brancas e pretas! Por onde passava a avalanche, adeus esperanças na colheita! Tudo esmigalhado, derrubado, perdido; por toda a parte flôres esmagadas, com os botões arrancados; ramos partidos, hastes pisadas.

Os da aldeia, atonitos com a invasão de flagello tão insolito, atiravam com os regadores, chamavam pelos visinhos, bradavam ao guarda rural, queriam que lhe pagassem o destroço e deitavam a correr, á caça dos caçadores.

Victoria! o gato cae prisioneiro!

Atirou-se a um poço. Baldes! cordas! escadas, depressa! — Ha certeza de encontrar o nariz de messer L'Ambert, incolume, ou pouco menos. Mas: sorte mofina! este poço não é como outro qualquer. E' respiradoiro d'uma pedreira abandonada, cujos corredores ramificam para varios lados, em meada com mais de dez leguas e vão dar ás catacumbas de Paris!

São remunerados os cuidados do dr. Triquet; os aldeões, indemnizados — dão-lhe quanto pedem — e debaixo de chuva grossa, prenuncio de borrasca, lá vão todos, outra vez, caminho de Parthenay.

Antes de subir para a carruagem; Ayvaz-Bey, enxarcado que nem um pato marreco e serenado de todo, estende a mão a Messer L'Ambert.

— Cavalheiro, diz o turco, penalisa-me sinceramente que, por minha teimosia, as coisas fossem tão longe. A pécora da Tompain não vale uma gota, só que seja, do sangue que correu por causa d'ella, vou despedi-la, e não ha de passar d'amanhã; não podia tornal-a a encarar sem que me lembrasse da desgraça que aconteceu por causa d'ella. O senhor é testemunha de que me empenhei quanto pude com estes senhores para lhe restituir o perdido. E agora resta-me a esperança de que não será sem remedio este triste accidente. O facultativo do lugar lembrou-nos que ha em Paris operadores mais habéis do que elle; e creio ter ouvido que a cirurgia actualmente dispõe de segredos infalliveis a fim de restaurar orgãos e membros, quer mutilados quer destruidos.

Acceitou Messer L'Ambert, um tanto sobre posse, a mão leal que lhe estendiam e veio de trem para o arrabalde de S. Germain, com os dois amigos.

(Continúa).

FERNÃO DE MAGALHÃES

DESCOBRIDOR DAS FILIPPINAS

VII

As declarações feitas por Fernão de Magalhães na Casa da Contratação de Sevilha, não foram sufficientes para esta apoiar abertamente os projectos do ousado navegador, e se não fôra a influencia de João de Aranda, que se empenhou para que tivesse bom seguimento a proposta de Magalhães, talvez este não lograsse ainda o seu intento.

João de Aranda, era feitor da Casa da Contratação, e de animo propenso a empresas arriscadas e por isso comprehendeu bem todo o alcance da empreza de Magalhães e tanto que prometteu protejel-a mediante alguma parte dos lucros que d'ella resultassem.

Foi n'esta occasião que chegaram a Sevilha os dois irmãos Faleiros os quaes não concordaram com o que Fernão de Magalhães havia tratado com João de Aranda, muito principalmente Rodrigo Faleiro que era homem de character mais desconfiado e irritavel, e que se considerava a alma da empreza de que Magalhães seria o elemento pratico.

Importantes deviam ser os estudos de Rodrigo Faleiro, para que Magalhães se sujeita-se ás suas exigencias, transegindo com elle tanto quanto possível, no que bem mostrava a generosidade de animo a par de melhor conhecimento pratico do mundo, para debelar as difficuldades que se levantavam no seu caminho,

De tal arte soube conciliar tudo para chegar ao seu fim, fazendo boas as negociações que havia entabulado com Aranda, firmando, emfim, um contracto em Valladolid de 23 de fevereiro de 1518, perante o escrivão de suas altezas, Diogo Gonçalves de Sant'Iago, em que elle, Magalhães e Rodrigo Faleiro dariam a oitava parte do proveito que resultasse *em dinheiro, ou renda, ou officio ou em outra qualquer coisa que seja, de qualquer quantidade ou qualidade dos descobrimentos* que se propunham levar a cabo.

Não estava ainda bem firme no throno das Hespanhas o principe Carlos d'Austria, o que naturalmente preocupava o jovem monarcha, não sendo por isso muito favoravel a occasião para se occupar das pretenções de Magalhães.

Entretanto o navegador portuguez escudado com as protecções que grangeára, sempre conseguiu chegar á presença do monarcha e fazer exposição dos seus planos, tendo primeiro apresentado aos ministros do rei esses mesmos planos, apresentação para a qual muito influu o bispo de Burgos D. João Rodrigues da Fonseca.

É para notar que este bispo de Burgos, que combatera tenazmente os planos de Colombo, de Balbôa e de Cortez, se apresentasse na côrte protegendo Magalhães com decidido empenho! Não nos diz a historia se

Pin Sel.



UM GUITARRISTA ARAGONEZ

n'esta protecção iria interesse pessoal, ou a convicção da utilidade pratica dos projectos de Magalhães, sendo, todavia, certo que o caracter do bispo não era dos de melhor quilate.

(Continúa). Caetano Alberto.



REVISTA POLITICA

Por um dia de sol, dos poucos que têm havido n'este inverno, abriu o parlamento, na rua do Arco a Jesus, no edificio da Academia Real das Sciencias.

Que differença dos tempos, em que a abertura das Côrtes era um acontecimento em Lisboa. Dos primeiros tempos do novo regimen, em que se ostentavam as ricas equipagens da corte, não faltando o nobre marquez de Vallada, com a sua carruagem luxuosa e vistosas librés dos lacaios, de caçador ao lado a alegrar a multidão, que gostava de lhe vêr o chapéu armado, de grandes penachos. A figura imponente, marcial do marechal duque de Saldanha, duque parente, com o seu luzido estado-maior de generaes e officiaes superiores, d'aquelles que haviam cheirado a polvora nas ultimas campanhas, mal apagadas ainda, á

frente da Divisão de Lisboa, que formava em extensas alas pelas ruas do transito do cortejo real, destacando-se de entre as filas de espaços a espaços os pelotões de porta machados, com as suas barbas severas e barretinas descommonaes, impondo-se como colossos, e os tambores-móres, de saudosa memoria, prefilados na frente, de bastão em punho, cofiando arrogantes as longas barbas, revendo-se na populaça que os admirava.

Que differença!

E á enorme concorrência que se via cá fóra, cheia de fé no novo credo politico sentindo por cada alto personagem que passava para o seio da representação nacional a adoração que o povo tem pelos seus grandes homens, que todos eram acima da craveira vulgar e de todos havia que contar, porque todos tinham tomado parte na lucta e luctavam ainda pela liberdade, e ao enthusiasmo que tudo isto despertava, correspondia lá dentro, não menos calor não menos fé nas instituições, que vinham ali defender com toda a convicção das suas idéas, com toda a força das suas crenças, porque então acreditava-se em alguma coisa, e os arraiaes extremavam-se, cada partido no seu posto, para as luctas da tribuna lá dentro: para as luctas das armas cá fóra!

Que differença!

Então não haviam acordos, nem os partidos desertavam do campo da lucta sob pretexto algum, ainda mesmo quando a força armada tinha que intervir nas assembléas eleitoraes ou nas salas do parlamento.

Apellava-se para a rua, para a revolução, arrostava-se com todos os perigos, com todos os sacrificios, mas os partidos não se suicidavam como hoje, n'uma opposição nephelibata, que ninguém comprehende, nem os proprios que a fazem.

Que differença!

Nos tempos que vão correndo a abertura do parlamento já não desperta ninguém. Toma-se o discurso da corôa por uma formalidade que já não se discute, porque toda a opposição cae pela base, á falta de idéas e de convicções, armas com que se combatem os governos e com que se conquista o poder.

O discurso da corôa, em toda a sua simplicidade, historia os acontecimentos politicos do anno que findou e que todos conhecem e annuncia varios projectos de lei que o governo apresentará ao parlamento no sentido da organização da magistratura judiciaria e processo das falencias; serviço do exercito no ultramar e serviço de saúde; classificação das praças de guerra, com o que serão eliminadas algumas das existentes por desnecessarias; regularisação de serviços do estado maior; regimen bancario das colonias; estabelecimento de mercados nacionaes no ultramar e navegação para as colonias; construcção dos caminhos de ferro do Ruu, de Benguella, de S. Thomé e prolongamento do de Loanda a Ambaca até Malange; revisão das pautas de Angola; relações commerciaes com a Dinamarca; a cultura dos terrenos do paiz que se acham improductivos; exportação dos vinhos portuguezes e á constituição das sociedades commerciaes, principalmente as sociedades anonymas.

Como se vê a maior parte dos projectos visa á questão e economica a que mais importa attender, e que diga-se em verdade muito pouco se tem cuidado, talvez pelas muitas questões da politica interna e externa que tem sido preciso attender, as quaes gastam as forças e a actividade dos ministros.

O projecto do aproveitamento dos terrenos incultos, parece-nos da maior utilidade e aquelle que mais deve chamar a attenção do parlamento.

E' uma questão momentosa o legislar de uma forma pratica sobre a cultura dos terrenos desaproveitados; momentosa quando o nosso oiro se vae esgotando e quando temos annualmente que mandar para o estrangeiro o melhor de quatro mil contos em oiro para comprar pão que nos falta.

Esta é uma das medidas economicas de maior alcance, que se impõe pela necessidade, e de resultados mais immediatos.

Se o parlamento se occupar com amor e dedicação dos projectos que lhe vão ser apresentados, terá satisfeito ás necessidades do paiz, dando-lhe em resultados praticos, o que, porventura, lhe falta em brilho de rhetorica para satisfazer ás exigencias da verbosidade nacional.

João Verdades.



Recebemos e agradecemos:

Coimbricense redactor e editor Joaquim Martins de Carvalho — 50º anno.

E' com a mais viva satisfação que saudamos o illustre periodico e o seu infatigavel redactor, pelo quinquagesimo anno de publicação do conceituado jornal, que tão bellos exemplos de patriotismo e de raro valor offerece na sua longa vida, a todos que o lerem e o consultem.

Para a historia contemporanea, o *Coimbricense* é um copioso repositório, e constitue a obra que espelhará por muito tempo o estudo e a erudição do seu redactor.

Acceite, pois, o venerando jornalista os nossos mais sinceros parabens.

ALMANACH ILLUSTRADO DO «OCCIDENTE»
Para 1897

Está publicado este interessante annuario, contendo alem do calendario e de todas as tabellas do costume, um largo extracto da *Campanha d'Africa contada por um sargento*, com muitas gravuras de retratos e combates.

Publica tambem um resumo da *Nova Sciencia de Curar pelo Methodo Kuhne* com receitas da cosinha vegetariana, etc.

Uma linda capa em côres representando a *Prisão do Gungunhana por Mousinho de Albuquerque*.

PREÇO 200 RÉIS, PELO CORREIO 220 RÉIS

Cartonado 300 réis pelo correio 320 réis

Recebem se encomendas na

EMPRESA DO OCCIDENTE

Largo do Poço Novo — Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Loureiro, 25 a 29.